

O DISCURSO ESCATOLÓGICO DE JESUS EM MARCOS 13

The eschatological discourse of Jesus in Mark 13

Me. Fred R. Bornschein¹

RESUMO

O sermão escatológico de Jesus se encontra nos três evangelhos sinóticos. Todavia, considerando que o evangelho de Marcos é normalmente considerado como sendo o primeiro evangelho escrito e que Mateus e Lucas se utilizaram grandemente de seu material como fonte para seus escritos, neste artigo se analisa o sermão escatológico de Jesus no evangelho de Marcos (Mc 13). Contudo, onde necessário fez-se uma comparação entre o texto de Marcos e os de Mateus e Lucas. O trabalho aborda os três pontos focais do ensino escatológico de Jesus: A destruição do Templo e de Jerusalém, a caminhada da Igreja através da história e a vinda do Filho do Homem. Na abordagem destes três tópicos foram feitos em vários momentos as interpretações teológicas pertinentes e aplicações atuais. Conclui-se a exposição com a afirmação do propósito maior deste sermão, que é exortação à vigilância diante da realidade da parúsia e da incerteza de quando será este evento final da história.

59

Palavras-chaves: Escatologia. Volta de Cristo. Vigilância. Parúsia.

¹ Fred R. Bornschein: Bacharel em teologia e Mestre em teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Professor de Teologia na Faculdade Teológica Betânia (<http://faculdadebetania.com.br>) e Faculdade Fidelis (<http://www.fidelis.edu.br>). Pastor auxiliar na Igreja Evangélica Livre da Boa Vista em Curitiba/Pr. Autor dos livros publicados pela Editora Evangélica Esperança: “Oliveira Santa, Israel na carta aos Romanos” e “Enviados para servir”. Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9512623480426639>. E-mail: frb372@gmail.com

ABSTRACT

The eschatological sermon of Jesus is found in the three synoptic gospels. However, considering that the Gospel of Mark is usually considered to be the first written gospel and that Matthew and Luke have greatly used their material as a source for their writings, this article examines Jesus' eschatological sermon in the gospel of Mark (Mark 13). However, where necessary a comparison was made between the text of Mark and those of Matthew and Luke. The work addresses the three focal points of Jesus' eschatological teaching: the destruction of the Temple and Jerusalem, the Church's journey through history and the coming of the Son of Man. In addressing these three topics, the relevant theological interpretations and current applications were made at various times. The exposition concludes with the affirmation of the greater purpose of this sermon, which is an exhortation to watch over the reality of the parousia and the uncertainty of when this final event of history will be.

60

Keywords: Eschatology. Christ's return. Vigilance. Parousia.

INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe a analisar o sermão escatológico de Jesus, conforme registrado no Evangelho de Marcos no capítulo 13, fazendo, onde oportuno, reflexões teológicas e aplicações hermenêuticas para a atualidade. No artigo, em primeiro lugar, realizar-se-á uma comparação sinótica do discurso escatológico de Jesus. Em seguida, serão abordados de forma sintética, no tópico 1, os três pontos focais do sermão profético: (a) A

destruição de Jerusalém e do Templo; (b) A caminhada da Igreja através da história; (c) A vinda do Filho do Homem. Estes três temas serão tratados com detalhes nos tópicos 2, 3 e 4. Na sequência será focalizado, no tópico 5, o objetivo maior do discurso: advertir os discípulos, prepará-los para o que adviria e exortá-los à vigilância diante da incerteza da ocasião da parúsia. Na conclusão, será considerada a realidade do mundo e a esperança da consumação do Reino e os desafios que a realidade atual apresenta para a Igreja.

Os textos bíblicos são citações da Bíblia Revista e Atualizada, da Sociedade Bíblica do Brasil, a não ser quando mencionada outra tradução.²

1. PONTOS FOCALIS DO DISCURSO ESCATOLÓGICO

O discurso escatológico de Jesus em Mc 13 gravita em torno de três pontos focais: (a) a destruição do Templo e, por conseguinte, da cidade de Jerusalém; (b) o caminho apostólico da Igreja através da história, (c) os eventos finais relacionados com a parúsia.

Comentando o texto de Marcos, a Bíblia de Jerusalém³ afirma que “diversamente do discurso de Mateus, que acrescenta à previsão da ruína de Jerusalém e do templo a do fim do mundo, o discurso de Marcos conserva mais a orientação primitiva que se refere somente à destruição de Jerusalém”. Contudo, o contexto mais amplo de Marcos 13 e os textos sinóticos paralelos deixam claro que Jesus se refere a dois eventos escatológicos:

² ALMEIDA, Revista e Atualizada. Bíblia Português. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil. Ed. Eletrônica, Bíblia Online 3.0, Módulo Básico Expandido.

³ JERUSALÉM, A Bíblia de. Bíblia Português. São Paulo: Paulinas, 2002, p. 1778.

a destruição do Templo e da cidade de Jerusalém e a parúsia. Entre os dois, temos palavras de Jesus que se aplicam à jornada apostólica da Igreja através da história, marcada pelo sofrimento, perseguição, testemunho e pregação do evangelho.

Todavia, os textos que se referem aos três eventos estão imbricados e não é totalmente clara a atribuição deles a uma ou outra das ocorrências. Uma explicação usual é comparar a perspectiva profética com a visão de uma cadeia de montanhas vista ao longe. À distância, parece que os picos estão próximos uns dos outros e que uns estão mais perto do observador que outros. Todavia, vistos de perto ou do alto, percebe-se que existem entre os mesmos grandes vales e, só então, pode-se ver com clareza os que estão mais próximos e mais distantes do observador. Portanto, a interpretação de textos proféticos sempre deixa margem às incertezas quanto à exatidão e à ordem de seu cumprimento histórico. Contudo, feita esta ressalva, serão assinalados os textos a um e a outro destes eventos.

1.1 A DESTRUIÇÃO DE JERUSALÉM E DO TEMPLO (MC 13.1-2, 14-23, 29-31)

Os sinóticos têm grande concordância redacional na perícope referente à destruição do Templo e da cidade de Jerusalém. Há pequenas divergências sem relevância. Os textos que se referem à destruição do templo são, possivelmente, os seguintes:

Vs. 1-2: A observação dos discípulos sobre a grandiosidade do Templo e a resposta de Jesus de que não ficaria pedra sobre pedra que não fosse derrubada.

Vs. 3-4: A pergunta feita em particular por Pedro, Tiago, João e André sobre quando estas coisas se sucederiam e qual o sinal que indicaria sua iminência. Mateus coloca as perguntas da seguinte

forma: “Dize-nos quando sucederão estas coisas e que sinal haverá da tua vinda e da consumação do século” (Mt 24.3).

Vs. 5-8: Este texto pode se referir a uma época anterior à destruição de Jerusalém pelas tropas romanas. Foi uma ocasião onde, após um longo período de paz, o império se viu sacudido por fortes convulsões políticas (“guerras e rumores de guerras”), a ponto de haver quatro imperadores em um mesmo ano. Foi uma época conturbada, de exacerbado nacionalismo, com a emergência de falsos profetas e messias.

Vs. 14-23: Este texto é introduzido pela palavra enigmática: “Quando, pois, virdes o abominável da desolação situado onde não deve estar (quem lê entenda)”. Ao contrário dos vs 5 e 6, onde os acontecimentos ainda não são sinais do fim, a ocorrência relatada no v.14 indica um sinal claro e iniludível que marcaria o início de uma época de tribulação sem igual. Jesus afirmou que “aqueles dias serão de tamanha tribulação como nunca houve desde o princípio do mundo, que Deus criou, até agora e nunca jamais haverá” (v.19). Deus abreviou os dias de tribulação “por causa dos eleitos”, caso contrário ninguém se salvaria (v.20). Diante da enormidade desta tribulação, apenas uma poderia ser a atitude: a fuga incontínente. A fuga seria especialmente penosa para os mais fracos, como as mulheres grávidas e os lactentes. Se ocorresse no inverno, o sofrimento seria ainda mais intenso. Esta situação de ameaças extremas, dor, perigo, medo, desespero, favoreceria o surgimento de “falsos cristos” e “falsos profetas” operando “sinais e prodígios”, a ponto de poderem enganar aos próprios eleitos (cf. v.22), por isso Jesus adverte aos seus discípulos para não se deixarem iludir (cf. v.23).

Vs. 28-31: A indicação de que sinais claros mostrariam a proximidade do evento profetizado, e a alusão à “geração que não passará até que tudo se cumpra”, sugerem que esta passagem também se refere aos eventos relacionados com o ano 70.

1.2 A CAMINHADA DA IGREJA ATRAVÉS DA HISTÓRIA (MC 13.5-13)

O texto de Marcos 13 não se refere apenas aos eventos relacionados com a destruição de Jerusalém e do Templo e a parúsia, mas a toda jornada da igreja através da história. Certamente foi assim que a Igreja pós-pascal entendeu as afirmações do sermão escatológico de Jesus, pois declarações feitas em Marcos 13, Mateus utiliza-as nas advertências aos doze antes de serem enviados para sua missão apostólica (cf. Mt 10.17-23).

Vs. 5-8: Na época final, como através de toda a história da Igreja, especialmente em todos os momentos de graves crises, surgem falsos profetas e pessoas afirmando ser o Cristo e enganando a muitos (v.5,6). Jesus adverte seus seguidores a não se deixarem enganar. Os discípulos também não deveriam se assustar ao ouvirem falar de convulsões políticas (“guerras e rumores de guerras”, v.7), convulsões geológicas (“terremotos”) e convulsões sociais e econômicas intensos (“fomes”), pois, de fato, seriam anti-sinais que não indicariam o fim iminente, mas apenas o “princípio das dores” (v.8).

Vs. 9-13: Neste texto, descreve-se a caminhada da igreja através da história, marcada pelo ódio “de todos”, perseguições, traições, até dos familiares mais chegados, julgamentos diante de tribunais seculares e religiosos. O objetivo é o “testemunho diante de governadores e reis”, a pregação do evangelho a “todas as nações”. Nesta situação de extrema pressão, Jesus afirma que, ao serem entregues, os discípulos não precisariam se preocupar com o que falar e responder, pois o Espírito Santo lhes daria, no momento oportuno, a palavra certa. Deveriam se preocupar, isto sim, com a fidelidade, pois quem “perseverasse até ao fim, esse seria salvo” (v.13).

1.3 A VINDA DO FILHO DO HOMEM (MC 13.24-27, 32-37)

Os versículos 24-27 e 32-37 referem-se claramente à parúsia.

Vs. 24-27: Esta passagem, usando imagens apocalípticas, descreve eventos cósmicos atingindo o sol, a lua, as estrelas, que ocorrerão “após a referida tribulação”, antecedendo a vinda do “Filho do Homem nas nuvens, com grande poder e glória”. De forma concomitante, os anjos serão enviados para recolher os “escolhidos dos quatro ventos, da extremidade da terra até à extremidade do céu”.

Vs. 32-37: Esta perícope de exortação à vigilância se refere inequivocamente ao evento final, pois o seu contexto indica que o retorno do Senhor será em data indefinida, sem sinais claros de sua proximidade, colocando a exigência de um cuidado constante.

2. A DESTRUIÇÃO DA CIDADE E DO TEMPLO (MC 13.1-2, 14-23, 28-31)

Os textos que se referem à destruição do Templo e de Jerusalém podem ser os seguintes: Marcos 13.1-2, 3-4, 14-23 e 28-31.

2.1 NÃO FICARÁ PEDRA SOBRE PEDRA (MC 13.1-2)

De acordo com Marcos, um dos discípulos chama a atenção de Jesus para a grandiosidade do Templo.⁴ Nesta linha, encontram-se expressões rabínicas que testemunham do orgulho que os judeus sentiam pelo templo de Jerusalém: “Quem não viu o santuário em sua construção, jamais viu um edifício suntuoso”.

⁴ De acordo com Mateus 24.1 são “os discípulos” que fazem a pergunta e segundo Lucas 21.5 “alguns”.

so”.⁵ Jesus preanunciou a destruição do templo e sua palavra foi enfática: “Não ficará pedra sobre pedra, que não seja derribada” (Mc 13.2). “Este anúncio de que o templo será ‘demolido’ surgirá de modo decisivo no processo de Jesus no Sinédrio (...) (14.58), bem como nas injúrias que lhe dirigiam enquanto pendia da cruz (15.29)”.⁶

A destruição do templo foi o ato culminante da guerra judaico-romana e ocorreu no ano 70 de nossa era, quando as tropas romanas, sob o comando de Tito, romperam as defesas de Jerusalém, ocasionaram um banho de sangue inimaginável e destruíram o templo pelas chamas.

2.2 O ABOMINÁVEL DA DESOLAÇÃO (MC 13.14-23)

A grande tribulação teria início quando fosse visto o “abominável da desolação situado onde não deve estar” (Mc 13.14). O significado desta expressão é deixado por Marcos ao entendimento do leitor (“quem lê entenda”), contudo Mateus explica que se refere à profecia de Daniel (Mt 24.15) e Lucas deixa claro que alude à destruição de Jerusalém (Lc 21.20). A expressão é uma citação do livro de Daniel:

- 9.27 – “Ele fará firme aliança com muitos, por uma semana; na metade da semana, fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares; sobre a asa das abominações virá o assolador, até que a destruição, que está determinada, se derrame sobre ele”.
- 11.31 – “Dele sairão forças que profanarão o santuário”.

5 GNILKA, Joachin. El evangelio segundo San Marcos: Mc 8.27-16.20. Vol. II. Salamanca, Espanha: Sigueme, 1986, p. 213.

6 MYERS, Ched. O Evangelho de São Marcos. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 386.

ário, a fortaleza nossa, e tirarão o sacrifício diário, estabelecendo a abominação desoladora”.

- 12.11 – “Depois do tempo em que o sacrifício diário for tirado, e posta a abominação desoladora...”

O seu significado no livro de Daniel (9.27) tem uma interpretação quase unânime. Refere-se à profanação do Templo em Jerusalém pela introdução no santuário de uma estátua dedicada a Zeus Olímpico por Antíoco Epífanês. A este evento se refere 1Macabeus 1.54: “No décimo quinto dia do mês de Casleu do ano cento e quarenta e cinco, o rei fez construir, sobre o altar dos holocaustos, a Abominação da desolação”. A Bíblia de Jerusalém⁷ comenta: “A expressão evocava o Zeus Olímpico, ao qual Antíoco dedicou o Templo de Jerusalém”. A Tradução Ecumênica⁸ expõe: “Alusão à ereção de um altar idolátrico no lugar do altar dos holocaustos, em 7 de dezembro de 167”.

67

Entretanto, como compreender esta palavra em relação aos eventos futuros que atingiriam o Templo e a cidade de Jerusalém? Várias são as opiniões acerca do sentido deste dito. Pohl⁹ sugere que a expressão enigmática poderia se referir ao fato ocorrido ainda antes do cerco romano, quando zelotes desvirtuados, sob o comando de João de Giscala, estabeleceram um governo de terror na cidade. Ele afirma que eles saqueavam, farreavam e assassinavam. No próprio santuário eles esfolaram 8.500 judeus, esfaquearam o próprio sumo sacerdote e jogaram seu cadáver por sobre os muros para o desfileiro. (...) No inverno de 67-68 seu sacrilégio chegou ao auge ali. Eles empossaram um homem muito primitivo, de nome Fani, como sumo sacerdote. (...) Naquela ocasião, o ancião

7 JERUSALEM, 2002, p. 1747.

8 TRADUÇÃO ECUMÊNICA. Bíblia Português. São Paulo: Loyola, 1994, p. 1387.

9 POHL, Adolf. O evangelho de Marcos. Curitiba: Esperança, 1998, p. 372,373.

Ananos lamentou: “Eu preferia ter morrido a ter de ver a casa de Deus tão cheia de abominações, e o lugar nunca antes pisado (o santíssimo lugar) manchado pelos pés dos assassinos”. Ele também foi eliminado pouco depois. (...) O templo se transformara agora totalmente em “esconderijo de ladrões” (11.17).

Portanto, conclui que a locução poderia se referir a Fani, “situado onde não deve estar”. Gnilka¹⁰ contesta a ideia de que “o abominável da desolação” se refira “às ações dos zelotes no templo” ou “à profanação do templo com a introdução de estandartes romanos nele”.¹¹ Em sua opinião, a expressão refere-se ao anticristo. Ele afirma:

O monstro convertido em pessoa, que se dará a conhecer inequivocamente em um lugar sagrado descrito conscientemente de forma enigmática, é o anticristo. (...) Para Marcos, a aparição do anticristo marca o começo do tempo final. (...) Na revelação do anticristo, que terá lugar na Judéia, se produzirá a fuga plena de pânico.¹²

68

A Tradução Ecumênica afirma que em Daniel a “expressão alude à profanação do Templo de Jerusalém por Antíoco Epífanes em 167 a.C.”, porém “no tempo da Igreja, designa quer o diabo, quer o Anticristo, quer as traições e apostasias que caracterizarão os últimos dias”.¹³ Contudo, o evangelho de Lucas considera que a expressão se refere ao cerco e à subsequente destruição da cidade de Jerusalém: “Quando, porém, virdes Jerusalém sitiada de exércitos, sabeis que está próxima a sua devastação” (Lc 21.10). A maioria dos comentadores segue esta linha e enxergam no “abominável da desolação” algo relacionado com a guerra judaica e com destruição de Jerusalém e do Templo. Pika-

10 GNILKA, 1986, p. 227.

11 GNILKA, 1986, p. 228, rodapé 39.

12 GNILKA, 1986, p. 228, 229.

13 TRADUÇÃO ECUMÊNICA, 1994, p. 1905.

za expõe: “Este é o sinal: a profanação do santuário. O que Jesus expressou profeticamente aparece agora como resultado de uma invasão militar, de um conflito político”.¹⁴ Ford conclui que esta expressão “se refere não simplesmente a um ato de profanação idólatra do templo, mas da devastação de toda a cidade pelos soldados invasores; é termo abrangente que se aplica primeiro aos exércitos de Roma”.¹⁵ A Bíblia de Genebra reconhece na expressão o saque do Templo pelo general romano Tito.¹⁶ A Bíblia de Jerusalém expõe que “a aplicação evangélica realizou-se quando a Cidade Santa e o seu Templo foram atacados e depois ocupados pelos exércitos gentílicos de Roma”.¹⁷

A advertência de Jesus foi enfática: quando “o abominável da desolação” fosse visto (13.14), todos deveriam fugir imediatamente e de forma desabalada, pois a tribulação que se abateria sobre a cidade de Jerusalém seria indescritível. Jesus afirmou que “aqueles dias serão de tamanha tribulação como nunca houve desde o princípio do mundo, que Deus criou, até agora e nunca jamais haverá” (13.19).

A situação seria de tamanha urgência que quem estivesse na Judeia deveria se refugiar nos montes; quem estivesse no terraço, não deveria entrar na casa para tirar alguma coisa; quem estivesse no campo, não deveria voltar nem para apanhar sua capa. As pessoas mais frágeis e desprotegidas, como as grávidas e os lactentes, teriam um sofrimento particularmente penoso. Se a fuga ocorresse no frio e na umidade do inverno, o padecimento seria exacerbado. No afã de salvar a vida, os fugitivos se veriam lançados na mais negra miséria, desprovidos até das coisas mais

14 PIKAZA, Xabier. Pan, casa palavra: la iglesia em Marcos. Salamanca: Sígueme, 1998, p. 360.

15 FORD, *apud* MYERS, 1992, p. 399.

16 GENEBRA, Bíblia de Estudo. Bíblia Português. Cambuci: Cultura Cristã, 1999, p. 1171.

17 JERUSALEM, 2002, p. 1747.

comezinhas, como a capa, para abrigá-los do frio e das intempéries.

Historicamente, a maioria da população judaica diante da invasão fez exatamente o contrário: ao se aproximarem os batalhões romanos deixaram o campo e se refugiaram na cidade. Quando Tito decidiu submeter Jerusalém pela fome, o sofrimento se tornou inconcebível, a ponto de mães comerem a carne dos próprios filhos. Quando Jerusalém finalmente caiu, 97 mil judeus foram levados para o cativeiro e 1 milhão e 100 mil foram mortos.¹⁸ Contudo, “quando os romanos (...) venderam os sobreviventes como escravos, não havia cristãos entre eles (...) Em 66 eles deixaram a cidade e o país (...) Em Pela, encontraram um novo local para morar”.¹⁹

2.3 OS ELEITOS (MC 13.20-23)

70

Deus mantém a sua soberania mesmo diante das grandes tragédias que se abatem sobre uma nação, um povo, a humanidade. Jesus afirmou que, se “aqueles dias” de tribulação não tivessem sido abreviados pelo Senhor por causa dos eleitos, “ninguém se salvaria” (13.20). De forma misteriosa e às vezes não perceptível, Deus intervém na história, muitas vezes, por causa de pessoas que Jesus chamou de “eleitos”.²⁰

Quem são os eleitos? No v.22 são os discípulos de Jesus, pois é a eles a quem Jesus se dirige. Contudo, não é tão claro a

18 BARCLAY, William. *Matthäus evangelium* 2. Wuppertal: Aussat, 1956, p. 278.

19 EUSÉBIO, Hist. Ecles. III 5.2s; 196.14 *apud* POHL, 1998, p. 373.

20 A palavra “eleitos” (*eklektous*) ocorre três vezes neste capítulo: Mc 13.20 - Não tivesse o Senhor abreviado aqueles dias, e ninguém se salvaria; mas, por causa dos eleitos (*eklektous*) que ele escolheu, abreviou tais dias; Mc 13.22 - Surgirão falsos cristos e falsos profetas, operando sinais e prodígios, para enganar, se possível, os próprios eleitos (*eklektous*); Mc 13.27 - E ele enviará os anjos e reunirá os seus escolhidos (*eklektous*) dos quatro ventos, da extremidade da terra até à extremidade do céu.

quem o texto se refere nos vs. 20 e 27. Mateos e Camacho²¹ considera que os “eleitos” são “os israelitas fiéis à aliança”. Todavia, é provável que na palavra “eleitos”, nos vs 20 e 27, estejam englobados todos os que pertencem a Deus de todas as eras, tempos e lugares. Nunca houve uma época, nem um povo, no meio do qual Deus não tivesse tido os seus eleitos, os seus escolhidos. A grande multidão comprada para Deus pelo sangue do Cordeiro, que João viu diante do trono e do Cordeiro, era composta de pessoas de todas as raças, tribos, povos, línguas e nações²², mesmo daquelas de há muito desaparecidas. Esta multidão de escolhidos será reunida pelos anjos “dos quatro ventos, da extremidade da terra até à extremidade do céu” (13.27). Esta afirmação apoia outra de Jesus quando disse que viriam pessoas de todos os quadrantes e se assentariam à mesa no Reino dos céus com Abraão, Isaque e Jacó no banquete celestial e os filhos do reino seriam lançados fora (cf. Mt 8.11-12).

A destruição não será total porque Deus a abreviará por causa dos eleitos. Mateos e Camacho compreendem que se toda a nação se deixasse arrastar pelo fanatismo nacionalista e antirromano, o extermínio seria total, mas a presença de alguns com sentido de humanidade, contrários a exasperar a situação e levá-la ao extremo, o evitará. Numa situação sem saída, Deus deseja que as consequências sejam o menos graves possível, e esse desejo de Deus se verá realizado à medida que haja pessoas a quem, acima das ideologias, interesse o bem e a vida dos seres humanos.²³

Pohl, por sua vez, usando Lc 18.7²⁴ entende que a locução,

21 MATEOS, J.; CAMACHO F. Marcos: texto e comentário. São Paulo: Paulus, 1998, p. 304.

22 Cf. Apocalipse 5.9; 7.9-10

23 MATEOS; CAMACHO, 1998, p. 305.

24 “Não fará Deus justiça aos seus escolhidos, que a ele clamam dia e noite, embora pareça demorado em defendê-los?”

“por causa dos eleitos”, se refere às orações dos eleitos, que têm o poder de interferir nos acontecimentos da história.²⁵

2.4 A GERAÇÃO QUE NÃO PASSARÁ (MC 13.29)

Uma questão discutida na exegese é o significado da palavra “geração” (*genea*) na expressão: “Esta geração que não passará sem que tudo isto aconteça” (13.30). Duas são as principais linhas de interpretação: a primeira afirmando que a palavra se refere à raça, ao povo judaico que iria permanecer até a parúsia e a segunda, que se refere à geração de judeus, contemporânea de Jesus, que ainda estaria viva quando ocorresse a destruição de Jerusalém e do Templo.

Hendricksen crê que ela se refere à raça, ao povo judaico.²⁶ Todavia, refutando esta ideia, DeMar conclui que a tradução “raça”, mesmo possível, é inadequada, pelo contexto em que é usada no NT. Ele afirma: “De uma maneira direta, Jesus deixa claro que todos os eventos delineados nos versículos precedentes seriam cumpridos antes que essa geração do primeiro século passasse”.²⁷ Ele cita Geldenhuys: “O Salvador expressou essas palavras em conexão (...) ao sofrimento do povo judeu e a destruição de Jerusalém. Suas palavras significam que, antes que a geração então viva morresse, essas coisas ocorreriam”.²⁸ Mateos e Camacho afirmam que “essa geração é a de Jesus, a que mantém a esperança de um Messias triunfador (...) ‘Tudo isso’, (é) o que vai cumprir-se dentro da mesma geração, inclusive tanto

25 POHL, 1998, p. 374.

26 HENDRIKSEN, William. Matthew. Grand Rapids, Michigan: Baker Academic, 2007a, p. 868.

27 DeMAR, Gary, Geração ou raça. Disponível em http://www.monergismo.com/textos/preterismo/geracao-raca_DeMar.pdf. Acesso em 08.02.2019.

28 GELDENHUYS, 1951, p. 538-539, *apud* DeMAR, 2009.

a ruína de Jerusalém como a entrada dos pagãos no Reino”.²⁹ Gnilka alega que “a expressão (...) deve aplicar-se aos contemporâneos. (...) Dificilmente se poderia pensar em um lapso de tempo superior a 30-40 anos”.³⁰ Pohl afirma que “Jesus está prometendo, com toda a solenidade, que a geração contemporânea de judeus na Judéia, madura para o juízo, não escapará”.³¹ Barclay, depois de analisar vários possíveis significados, conclui que “o melhor caminho” não é vincular a expressão à volta de Jesus, “mas à destruição de Jerusalém”.³²

2.5 OS SINAIS DA DESTRUIÇÃO DE JERUSALÉM E DO TEMPLO

Jesus afirmou que claros sinais indicariam a iminência da destruição do templo e da cidade de Jerusalém.

(a) Mesmo, sem ser muito claro, os vs. 5-8 podem se referir aos sinais que antecederiam a conquista de Jerusalém pelas tropas romanas, especialmente por causa da referência às “guerras” e “rumores de guerras”. Hendriksen afirma que quando Jesus falou estas palavras, o império romano gozava de uma longa era de paz. Mas quatro décadas mais tarde as turbulências políticas iriam perturbar o grande reino de um extremo a outro. Roma veria quatro imperadores no período de um ano: Galba, Oto, Vitélio e Vespasiano.³³

Todavia, estes sinais seriam, de fato, anti-sinais, pois disse Jesus: “é necessário assim acontecer, mas ainda não é o fim” (13.7). Eles indicariam apenas o “princípio das dores” (13.8). O

²⁹ MAT MATEOS; CAMACHO, 1998, p. 313.

³⁰ GNILKA, 1986, p. 240.

³¹ POHL, 1998, p. 379.

³² BARCLAY, 1956, p. 293.

³³ HENDRIKSEN, William. Matthew. Grand Rapids, Michigan: Baker Academic, 2007b, p. 516.

texto conclama os discípulos à sobriedade. Não deveriam ver nas convulsões políticas (guerras e rumores de guerra) ou nas catástrofes naturais (terremotos e fomes) sinais do fim iminente. Não deveriam se deixar iludir por falsos profetas que, apontando para estes “sinais” anunciariam a iminência da parúsia ou, de forma ainda mais exacerbada, afirmariam serem eles o Messias.

(b) Nos vs. 28-31, tem-se um outro texto relacionado com a catástrofe da guerra judaica. Jesus afirmou solenemente: “Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça” (Mc 13.29). Não é seguro se esta palavra se aplica à destruição de Jerusalém e do Templo ou aos acontecimentos finais da história. Entretanto, o fato de Jesus afirmar que é possível discernir a proximidade dos acontecimentos (“Assim, também vós: quando virdes acontecer estas coisas, sabeis que está próximo, às portas”, v.29) e sua alusão a “esta geração que não passará sem que tudo isto aconteça” (v.30), sugere que se refere aos eventos relacionados com o ano 70. Deste modo, entende também a Bíblia de Jerusalém³⁴, quando esclarece que “esta afirmação diz respeito à ruína de Jerusalém e não ao fim do mundo”.

74

(c) Todavia, o sinal inequívoco da iminência da catástrofe seria a visão do “abominável da desolação situado onde não deve estar” (13.14). O significado da locução foi exposto acima.

2.6 O SIGNIFICADO TEOLÓGICO DA DESTRUIÇÃO DO TEMPLO

A palavra de Jesus acerca da destruição do Templo foi antecedida pelas seguintes ocorrências:

(a) A maldição da figueira (Mc 11.12-14; 20-21). Apesar do

³⁴ JERUSALEM, 2002, p. 1747-1748.

fato de Jesus ter aplicado o milagre à experiência da fé, é possível enxergar na maldição da figueira uma referência a Israel, cuja época passou por não trazer os frutos esperados.

(b) A expulsão dos vendilhões do templo. Nesta ocasião, Jesus citou a palavra de Jeremias 7.11 (“Será esta casa que se chama pelo meu nome um covil de salteadores aos vossos olhos?”). O profeta usou-a numa ocasião em que o povo, apesar de seus pecados, presunçosamente confiava que nada lhes aconteceria, pois o Templo era, para eles, o penhor da proteção divina. Jeremias, todavia, afirmou que Deus faria com o Templo como aconteceu com o santuário de Siló, que foi destruído. Portanto, Jesus, pela sua atitude e pela sua palavra, antecipa a profecia que iria proferir, adiante, sobre a destruição do Templo.

(c) A parábola dos vinhateiros homicidas (Mc 12.1-12). Por meio desta parábola, Jesus expôs a destruição dos vinhateiros que mataram o Filho e que a vinha seria dada a outros, numa referência à rejeição de Israel como povo do Senhor. Mateos e Camacho comentam que “na parábola dos vinhateiros (12.1ss) Jesus tinha anunciado a ruína de Israel como nação e a passagem da ‘vinha/ reinado de Deus’ a outros, além de predizer sua morte (assassínio do ‘Filho’)”.³⁵

A destruição do Templo tem um sentido teológico marcante, pois marca o fim de uma era na história da salvação e o início de outra. A Primeira Aliança, com tudo o que nela estava envolvido – as leis, os sacrifícios, o sacerdócio, o Templo, o ritual, a cidade, o povo, a terra – chegou ao fim. Sua função preparatória terminou³⁶, uma nova era na história da salvação iniciou. Na alegoria da oliveira (Rm 11.17-24), o apóstolo Paulo deixa claro que os ramos exclusivamente judaicos foram quebrados e subs-

³⁵ MATEOS; CAMACHO, 1998, p. 293.

³⁶ Cf. Gálatas 3.24-25.

tituídos por outros: os judeus e os gentios convertidos à fé. Na carta aos Hebreus, o autor enfatiza que a Velha Aliança chegou definitivamente ao fim para dar lugar à Nova³⁷. “O palco giratório do mundo se moveu, e uma nova época apareceu”.³⁸ O Israel nacional saiu de cena para adentrar o Israel espiritual. Mateos e Camacho explicam que

o desastre não teve nem terá nunca igual, será uma divisória na história humana, (...) sua gravidade (...) se deve (...) sobretudo ao valor daquilo que se destrói: derruba-se um passado, uma história que deveria ter sido uma esperança para a humanidade inteira; a infidelidade definitiva de Israel faz fracassar o plano de salvação universal que Deus pretendia realizar por seu intermédio; deixou de ser o povo escolhido (12.9; “e dará a vinha a outros”).³⁹

Pikaza observa que

para um judeu, o ser do mundo se vincula ao templo. O santuário de Deus garantia, com seu edifício e liturgia expiatória, a ordem da terra. Se falha o templo, o mundo perde seu sentido e os humanos ficam sem fundamentos, sem união com Deus, sem garantias de vida e sobrevivência: como se poderá viver sem templo? Como manter-se e superar os riscos da história se não existe um santuário onde se podem expiar os pecados? Em realidade Jesus respondeu: mais além da lei e do templo há evangelho; onde acaba a família israelita vem a realizar-se o Reino.⁴⁰

37 Cf. Hebreus 8.13; 10.9; 12.27.

38 POHL, 1998, p. 364.

39 MATEOS; CAMACHO, 1998, p. 304.

40 PIKAZA, 1998, p. 350.

dem que caducou. O Templo de Deus na era da Nova Aliança tem outra configuração:

(a) Em primeiro lugar, a pessoa de Jesus, o corpo de Jesus, é o novo Templo onde Deus habita. Ele é o “Emanuel”, Deus conosco (Mt 1.23). Quem o vê, vê o Pai (cf. Jo 14.9) e quem o conhece, conhece o Pai (cf. Jo 14.7). No texto joanino, afirma-se que “o verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1.14). Literalmente o texto diz que o verbo “tabernaculou” (*skenoo*) entre nós. Na pessoa de Jesus, Deus erigiu um novo tabernáculo para habitar entre os homens. Igualmente “no episódio da purificação do Templo (João 2.13-22), se sustenta que o Templo de Jerusalém será substituído pelo corpo do Messias como novo centro de culto e adoração”.⁴¹ Alceu Orso afirma que “para o evangelista João, ao purificar o templo, Jesus o substituiu por sua própria Pessoa. Ele foi rejeitado no seu ato de purificação, mas essa rejeição acaba dando nascimento ao novo centro de culto, isto é, o seu corpo”.⁴²

(b) Em segundo lugar, a Igreja é a “habitação de Deus no Espírito” (Ef. 2.19-22). Jesus disse: “Onde dois ou três estão reunidos em meu nome, aí eu estou no meio deles” (Mt 18.20). O apóstolo Pedro (1Pd 2.5) afirmou que os cristãos são “pedras vivas” que edificam uma “casa espiritual”.

(c) Em terceiro lugar, o corpo do cristão é Templo do Espírito Santo. Paulo em 1Coríntios 6.19 afirma: “Não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que está em vós, o qual tendes da parte de Deus”.

(d) O apóstolo João observa que na Jerusalém celestial não viu santuário, “porque o seu santuário é o Senhor, o Deus Todo-

41 RAMIREZ, Dagoberto. In RIBLA. Apocalíptica. Esperança dos pobres. Vozes, Sinodal, 1990, p. 63.

42 ORSO, Alceu Luiz. Agenda bíblica 2009. São Paulo: Ave Maria, 2009, 9 de novembro.

-Poderoso, e o Cordeiro” (Ap 21.22).

O deslocamento da morada de Deus de um edifício, para uma realidade dinâmica-espiritual, percebe-se claramente na palavra de Jesus à mulher samaritana: “Mulher, podes crer-me que a hora vem, quando nem neste monte, nem em Jerusalém adorareis o Pai. (...) Mas vem a hora e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores” (Jo 4.21,23). Os verdadeiros adoradores adoram a Deus em espírito e em verdade no sacrário de seus corações, em qualquer lugar e em qualquer tempo.

2.7 A HERMENÊUTICA DA TRAGÉDIA

78

O monstro terrível, o “abominável da desolação” da guerra, da violência e da destruição, sempre de novo tem se manifestado “onde não deve estar”. No decorrer da história, a face cruel do “abominável da desolação” tem causado morte, desespero, fuga, multidões de deslocados, milhares em migrações forçadas. Por conseguinte, esta realidade descrita por Jesus com cores tão fortes foi uma visão profética não apenas dos seus dias, mas da humanidade onde, sempre de novo, multidões por causa da guerra e da violência tiveram que abandonar suas casas, seus lares, sua terra e se tornaram exilados e refugiados debaixo das mais precárias circunstâncias de vida. A Agência da ONU para Refugiados⁴³ revelou que as guerras, violência e perseguições levaram, em 2017, ao deslocamento forçado em todo o mundo de 68,5 milhões de indivíduos, pessoas que tiveram que deixar seus lares.

43 ACNUR - A Agência da ONU para Refugiados. Disponível em <https://nacoesunidas.org/acnur-numero-de-pessoas-deslocadas-chega-a-685-milhoes-em-2017>. Acesso em 208.02.2019.

O “abominável” tem mil máscaras diferentes. Pode assumir a aparência de um ditador africano, de um homem bomba suicida, de um cristão fundamentalista. Pode se esconder atrás de suásticas, foices e martelos, de cruzes e crescentes, de siglas políticas, mas deixando sempre atrás de si um rasto de dor e destruição. A “desolação do abominável” desceu seu manto de horror sobre a América Latina e o Caribe quando, na época da conquista, buscando ouro e almas, praticou o maior genocídio da história da humanidade. O “abominável da desolação” implantou seu estandarte em inumeráveis lugares como nos *gulaks* da Sibéria, nos campos de extermínio de Auschwitz e do Camboja, nas terras áridas de Darfur na África.

O estandarte do “abominável da desolação” assumiu a forma da bandeira do Brasil, quando, tremulando no alto dos navios negreiros, encobria o crime inominável do tráfico de escravos, como o denunciou Castro Alves com versos contundentes no poema “Navio Negreiro”.⁴⁴

3. A CAMINHADA DA IGREJA ATRAVÉS DA HISTÓRIA (MC 13.5-13)

Os versículos 5-13 podem, em algumas de suas nuances, se referir aos sinais que antecederiam a conquista de Jerusalém pelas tropas romanas. Contudo, no seu conjunto ultrapassam os limites deste evento e abrangem o “tempo do fim”, período que começou com a vinda de Jesus e terminará com seu retorno. A descrição desta jornada envolve vários aspectos, dos quais destacamos três.

3.1 A SEDUÇÃO DO ENGANO (MC 13.5-6)

⁴⁴ Cf. ALVES, Castro. Navio Negreiro. Canto VI. Disponível em <http://www.culturabrasil.pro.br/navionegreiro.htm>. Acesso em 12.02.2019

A palavra profética de Jesus destaca os perigos espirituais da sedução, do engano religioso e das heresias que acompanharam a caminhada da igreja em todos os tempos. Este perigo foi real na época da guerra judaica quando muitos afirmaram ser o Messias, conclamando à guerra santa contra o dominador romano: “Então, Jesus passou a dizer-lhes: Vede que ninguém vos engane. Muitos virão em meu nome, dizendo: Sou eu; e enganarão a muitos” (Mc 13.5-6). São pessoas que atribuem a Jesus o papel de Messias davídico que há de evitar o desastre e dar a vitória a Israel. Predizem a volta de Jesus glorioso para salvar Israel no momento crítico e levar a cabo o programa de restauração que não realizou na sua vida histórica. A atividade dos impostores terá êxito: muitos se deixarão enganar.⁴⁵

Gnilka comenta que “com a fórmula ‘em meu nome’, (...) se relaciona a comunidade cristã com sedutores que, usurpando o nome de Jesus, dirão ou poderão dizer, que a salvação do final dos tempos já está presente”.⁴⁶

80

Este perigo continua sendo real para a Igreja até ao fim dos tempos e o risco dos discípulos serem iludidos é real, pois Jesus afirmou: “surgirão falsos cristos e falsos profetas, operando sinais e prodígios, para enganar, se possível, os próprios eleitos. Estai vós de sobreaviso; tudo vos tenho predito” (Mc 13.21-23).⁴⁷

3.2 AS PERSEGUIÇÕES (MC 13.9-13)

45 MATEOS; CAMACHO, 1998, p. 298.

46 GNILKA, 1986, p. 218.

47 Cf. a palavra do apóstolo Paulo aos anciãos de Éfeso: “Atendei por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastoreardes a igreja de Deus, a qual ele comprou com o seu próprio sangue. Eu sei que, depois da minha partida, entre vós penetrarão lobos vorazes, que não pouparão o rebanho. E que, dentre vós mesmos, se levantarão homens falando coisas pervertidas para arrastar os discípulos atrás deles” (At 20.28-30).

Os evangelhos, tanto os sinóticos no sermão escatológico (cf. Mt 24; Mc 13; Lc 21), como o evangelho de João nas palavras de despedida de Jesus a seus discípulos (cf. Jo 15.18-16.4), afirmam que os cristãos seriam odiados de “todos por causa do nome de Jesus Cristo” (cf. Mc 13.13). As perseguições, torturas, prisões e mortes seriam praticadas pelos tribunais religiosos e políticos. Por causa de Jesus Cristo, até familiares como irmãos, pais, filhos, se levantariam contra os seguidores de Jesus, entregando-os aos tribunais e os matando (cf. Mc 13.12). A perseguição por motivação religiosa foi praticada outrora pelo judaísmo e hoje, de forma predominante, por muitos grupos religiosos extremistas. A perseguição religiosa praticada pelos judeus ocorria quando “expulsos da sinagoga” como hereges, os cristãos eram entregues aos tribunais romanos. Brown explica que agora sabemos que no século segundo a ‘morte’ de cristãos infligida por judeus era, na maior parte das vezes, não uma ação direta, mas através de uma denúncia aos romanos. O judaísmo era uma religião tolerada, e em princípio os judeus não eram forçados a tomar parte em atos públicos de culto. Enquanto os cristãos eram considerados judeus, não havia nenhuma razão legal específica para que os romanos os matassem. Mas, uma vez que as sinagogas os expulsavam, tornava-se claro que eles não eram mais judeus, e sua não adesão aos costumes pagãos e deixar de participar do culto ao imperador criavam-lhes problemas legais.⁴⁸

As perseguições políticas, nas mais variadas nuances, *mutatis mutandis*, são causadas pela mesma acusação feita aos apóstolos quando da evangelização em Tessalônica: “Estes são os que andam revolucionando o mundo inteiro. (...) Ora todos eles agem contra os decretos de Cezar, afirmando que há outro

48 BROWN, Raymond Edward. A comunidade do discípulo amado. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 44,45.

rei, Jesus” (At 17.6-7⁴⁹). A adesão a Jesus Cristo e sua entronização como Senhor na vida humana significa o destronamento de todos os “reis” e “poderes” que subjagam o ser humano e isto é intolerável para os dominadores deste mundo.

3.3 O TESTEMUNHO (MC 13.9-10)

Todos os evangelhos e o livro de Atos⁵⁰ relatam o mandamento missionário de Jesus Cristo, colocando o testemunho do evangelho como missão apostólica prioritária da Igreja. Mesmo as tribulações devem contribuir para este fim: “Vos entregarão aos tribunais e às sinagogas; sereis açoitados, e vos farão comparecer à presença de governadores e reis, por minha causa, para lhes servir de testemunho. (...) É necessário que primeiro o evangelho seja pregado a todas as nações” (13.9-10). Por mais importante que seja o diálogo inter-religioso, por mais imperioso que seja ouvir, compreender e respeitar àqueles que creem de modo diverso, o testemunho do evangelho não pode se esgotar no diálogo. A evangelização tem como objetivo final fazer com “que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai” (Fp 2.9-10).

4. A VINDA DO FILHO DO HOMEM (MC 13.24-27, 32-37)

A história não é uma interminável e cíclica repetição dos mesmos eventos, mas uma linha direcionada a um fim proposto pelo Senhor. O *télos* da história foi colocado por Marcos, quando disse: “Então, verão o Filho do Homem vir nas nuvens, com grande poder e glória” (13.26). Com a “vinda do Filho do Homem”, o

49 Bíblia de Jerusalém.

50 Cf. Mt 28.18-20; Mc 16.15-16; Lc 24.45-47; Jo 20.21-22; At 1.8.

Reino de Deus, que já é uma realidade presente neste mundo, chegará à sua conclusão escatológica.

4.1 O FILHO DO HOMEM (MC 13.26)

“Do ponto de vista teológico, uma das designações messiânicas, mais importantes nos Evangelhos Sinóticos é o Filho do Homem”.⁵¹ Esta expressão era a maneira favorita de Jesus se referir a si mesmo. Ele a usou mais de sessenta e cinco vezes, mas, por outro lado, a comunidade cristã jamais se referiu a Jesus usando esta expressão. Por esta razão, a autenticidade deste título tem sido seriamente questionada.⁵² Devido a isto, Jeremias pergunta: “Como terá acontecido fato de que a comunidade já cedo tenha evitado o título ‘o Filho do Homem’ não o usando nem sequer uma vez e, contudo, o transmite nos ditos de Cristo até mesmo como a única autodesignação de Jesus?” Ele explica que “só existe uma resposta: o título esteve desde o início enraizado na tradição dos ditos de Jesus; era, por isso, sacrossanto, ninguém teria ousado eliminá-lo”.⁵³ “O que Dn 7 apresentava como enigma recebe aqui um sentido transparente: o Filho do humano é Jesus que vem para completar seu evangelho”.⁵⁴

4.2 CONVULSÕES CÓSMICAS (MC 13.24-25)

A parúsia seria precedida por grandes convulsões cósmicas: O sol escureceria, a lua não daria sua luz e as estrelas cairiam do firmamento, indicando o abalo dos poderes dos céus (cf. Mc 13.24-25). Estas imagens são comuns na literatura apocalíptica

51 LADD, George Eldon. Teologia do Novo Testamento. São Paulo: Hagnos, 2003, p. 194.

52 JEREMIAS, Joachim. Teologia do Novo Testamento. São Paulo: Paulinas, 1977, p. 391.

53 JEREMIAS, 1977, p. 404.

54 PIKAZA, 1998, p. 364.

do AT⁵⁵ e “servem, na tradicional linguagem dos profetas, para descrever as poderosas intervenções de Deus na história; aqui a crise messiânica, seguida do triunfo final do povo dos santos e de seu chefe, o Filho do Homem”.⁵⁶

Este texto está profundamente “enraizado na profecia do Velho Testamento e deve ser interpretado à luz do gênero literário. Isto significa que uma interpretação extremamente literal deve ser evitada”.⁵⁷ Assim o entende também Ladd, quando afirma “que se trata de linguagem poética, que não pretende ser tomada como um literalismo estrito”, mas observa que tem, também, a finalidade “de descrever eventos cósmicos reais”.⁵⁸ Gnilka comenta que estas imagens são manifestações do juízo de Deus sobre os ímpios, mas pergunta se elas apenas devem ser interpretadas “no plano das metáforas cosmológicas ou dizem também algo acerca do destino do mundo”. Ele crê que a linguagem se coloca a meio caminho entre o metafórico e o realista e se referem, também, à “profunda mutação e transformação do cosmos”.⁵⁹ Pohl, usando Gênesis 1, lembra que “os astros são regentes sobre ‘tempos, dias e anos’ estabelecidos por Deus”. A voz passiva do verbo “escurecer” sugere uma ação de Deus que determina que suas funções encerraram e se iniciou o julgamento do mundo. Da mesma forma, o “‘firmamento’ do céu, com os astros fixos nele, que parecia ser confiável eternamente, natural e protetor, estremece, balança, perde a segurança e não funciona mais”.⁶⁰ Para Mateos e Camacho, as imagens cósmicas também se entendem metaforicamente. Entre os pagãos, o sol e a lua eram falsos deuses e, assim como a destruição do templo atin-

55 Cf. Is 13.10; 34.4; Ez 32.7; Jl 2.10.

56 JERUSALÉM, 2002, p. 1779.

57 HENDRIKSEN, 2007b, p. 535.

58 LADD, 2003, p. 268.

59 GNILKA, 1986, p. 234.

60 POHL, 1998, p. 377.

giu profundamente a nação judaica, estes cataclismas cósmicos atingem o mundo pagão. “O obscurecimento dos astros maiores significa o eclipse desses deuses: os valores representados por eles se julgam agora inaceitáveis”.⁶¹

4.3 A VINDA DO FILHO DO HOMEM (MC 13.26-27)

Com a volta de Jesus Cristo, a história terá chegado ao seu final. O presente éon estará encerrado e um novo éon de glória terá início. O evangelho de Marcos não detalha a realidade futura, apenas afirma que por meio dos anjos “os escolhidos serão reunidos dos quatro ventos, da extremidade da terra até à extremidade do céu” (Mc 13.27) e, agora podem saborear “sua eleição. Até aqui tiveram de sentir muitas vezes o gosto do contrário. Viviam em fuga, em perseguição, (...). Todavia, com a manifestação do seu Senhor, eles também se tornam manifestos como amados por ele e reunidos para um novo templo”.⁶²

4.4 OS SINAIS DA VINDA DO FILHO DO HOMEM (MC 13.24-27, 32-33)

A resposta de Jesus à pergunta dos discípulos sobre os sinais de quando tudo se cumpriria (cf. Mc 13,4) é inusitada por duas razões. Primeiro porque as convulsões cósmicas, ao contrário do sinal inequívoco (“o abominável da desolação”, v.14) que antecederia a destruição do templo e de Jerusalém, não são um sinal iniludível da volta de Cristo. A exortação de Jesus Cristo quanto à vigilância, sua afirmação de que ninguém, a não ser o Pai, sabe o dia e a hora do retorno e a possibilidade de se estar “dormindo” (13.36), despreocupado e indiferente quanto

61 MATEOS; CAMACHO, 1998, p. 307,308.

62 POHL, 1998, p. 377.

ao retorno “do dono da casa” (13.35), sugerem que a volta de Jesus ocorrerá sem sinais antecedentes claros e evidentes. Com isto se mostra que os sinais cósmicos devem ter um significado mais simbólico que literal, pois, se assim não fosse, seria difícil de entender a letargia diante de acontecimentos extraordinários a sacudir o cosmos. Em segundo lugar, por Jesus ter afirmado que não sabia quando seria o “dia e a hora” de seu retorno (cf. 13.32). Esta resposta deve ter causado surpresa aos discípulos e tem levantado, até hoje, perguntas cristológicas. Várias são as explicações a respeito, mas a maioria dos exegetas aceita o fato de que esta declaração de Jesus Cristo é fruto de sua *kenosis*, do autoesvaziamento de seus atributos divinos quando de sua encarnação.⁶³ O fato de que apenas o Pai sabe o dia e a hora leva Pikaza a excluir:

86

Ante o mistério do fim só existe uma resposta, somente pode se dar uma palavra: *Estamos nas mãos do Pai!* Desaparecem todas as instâncias do poder ou ciência; quedam em segundo plano os anjos, bem como os homens e as mulheres da terra. Mesmo o *Filho*, a quem Deus deu o Espírito e palavra (cf. 1.9-11), está aqui subordinado; na raiz e na meta do caminho se acha o *Pai*.⁶⁴

Permanece como um fato, muitas vezes desconsiderado na história da igreja, de que ninguém sabe o dia e a hora da volta do Filho do Homem. Muitas vezes as expectativas apocalípticas se agitaram, como ocorreu no ano de 2012, quando, de acordo com um calendário maia, supostamente, o fim do mundo ocorreria. Ladd, concluindo suas considerações sobre “o significado da iminência”, afirma que a impressão dos sinóticos como um todo, é clara. Deixam os

63 Cf. Filipenses 2.6-8.

64 PIKAZA, 1998, p. 366.

leitores em uma situação na qual não podem datar o tempo do fim; não podem afirmar com segurança que o tempo será amanhã, ou na próxima semana, ou no próximo ano; nem mesmo poderão dizer que o dia ainda demorará muito. A nota-chave é: “Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora”.⁶⁵

5. OBJETIVO MAIOR DO SERMÃO ESCATOLÓGICO

O objetivo maior de todo o sermão escatológico de Jesus é preparar seus discípulos para as adversidades e, também, oportunidades que surgirão no decorrer da história e exortá-los à vigilância diante da realidade da parúsia. Esta tônica se repete constantemente através de todo o texto. Há vários conjuntos de exortações:

(a) Diante dos perigos do engano religioso e da sedução de falsos profetas e falsos messias os discípulos devem manter uma atitude de firmeza e sobriedade não se deixando iludir mesmo por pessoas operando sinais e prodígios”.⁶⁶

87

(b) Diante das guerras e rumores de guerras, catástrofes geológicas, fomes, os cristãos não devem se assustar julgando estar diante do fim, pois estes acontecimentos seriam apenas “o princípio das dores”.⁶⁷

(c) Diante da perseguição e do sofrimento, não devem ficar perplexos e surpresos, pois Jesus os advertiu de assim aconteceria.⁶⁸ Diante do ódio de todos, até dos familiares mais chegados,

⁶⁵ LADD, 2003, p. 275,276.

⁶⁶ “Vede que ninguém vos engane”, “Não acrediteis”, “Estai de sobreaviso; tudo vos tenho predito” (Mc 13.5,6,21-23).

⁶⁷ Marcos 13.7-8.

⁶⁸ “Estai vós de sobreaviso” (Mc 13.9).

devem perseverar fiéis, pois “quem perseverar até ao fim, esse será salvo”.⁶⁹

(d) Diante das autoridades hostis, não precisariam se preocupar com o que falar e como responder, pois contariam com a assistência do Espírito Santo que lhes dará no momento oportuno a palavra certa.⁷⁰ Esta situação de extrema pressão seria uma oportunidade para o testemunho e a pregação do evangelho.⁷¹

(e) Diante da incerteza do dia e da hora da parúsia, deveriam permanecer em constante vigilância. Esta advertência é reforçada pela parábola do dono da casa que viaja e dá tarefas aos seus servos. Como não sabem quando o senhor voltará, devem estar ativos e vigilantes em todo o tempo, “para que, vindo ele inesperadamente, não os ache dormindo”.⁷²

Gnilka conclui a seção referente ao apelo à vigilância, afirmando que a comunidade tem posto seus olhos no dia do Filho do Homem, porém não deve permanecer inativa. Desejar ser guiado pelo final não significa ansiar pela sua vinda febrilmente, em calcular sua data. Pelo contrário, consiste em seguir atentamente os acontecimentos temporais, exercitar as competências outorgadas pelo Senhor e permanecer consciente de que haverá uma prestação de contas.⁷³

69 Marcos 13,12-13.

70 Marcos 13,9-11.

71 Marcos 13,9.

72 Cf. Marcos 13,32-37.

73 GNILKA, 1986, p. 245,246.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A palavra de Jesus sobre o seu retorno em poder e glória marcou a igreja nascente de forma profunda. A Primeira Igreja vivia na expectativa do retorno iminente do Senhor. De acordo com o apóstolo Paulo, a entrada na vida de fé era marcada pelo abandono dos ídolos e pela conversão a Deus com o duplo propósito de servir a Deus e aguardar o retorno do Filho de Deus (cf. 1Ts 1.9-10). De acordo com a carta a Tito (2.11-14), a graça de Deus liberta da iniquidade, educa para uma vida piedosa e santa, conduz à prática zelosa das boas obras e leva o cristão a aguardar “a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus”.

A parúsia delongou, mas a vinda do “Filho do Homem com grande poder e glória” (Mc 13.26) continua a ser o conteúdo maior da esperança cristã e um dos conteúdos essenciais da fé e da vida cristã. É um dos motivadores mais poderosos da ética e do serviço cristão. Por isso, Jesus enfatizou a espera ativa no trabalho e na tarefa confiadas a cada um: “É como um homem que, ausentando-se do país, deixa a sua casa, dá autoridade aos seus servos, a cada um a sua obrigação, e ao porteiro ordena que vigie. Vigiai, pois, (...) para que, vindo ele inesperadamente, não vos ache dormindo” (Mc 13.34-36).

Jesus Cristo está assentado no seu trono de glória e poder⁷⁴, “acima de todo principado, e potestade, e poder, e domínio, e de todo nome que se possa referir, não só no presente século, mas também no vindouro” (Ef 1.20-22). “Todas as coisas” estão sujeitas a ele, nada Deus deixou “fora do seu domínio”.⁷⁵ Contudo, é realidade o que afirma Hebreus 2,8: “Ainda não vemos

⁷⁴ Cf. Hebreus 10.12.

⁷⁵ Cf. Hebreus 2.8-9.

todas as coisas a ele sujeitas”.

Em nosso mundo ainda não vemos a realidade do governo de Jesus. Enxergamos ainda as marcas profundas da escravidão do pecado embutidas de forma sistêmica nas estruturas da sociedade. Nas cidades grandes e pequenas, nas capitais e no campo, nas esquinas de nossas ruas, no comércio, na política, em todos os lugares, vemos a realidade cruel do pecado sob todas as formas possíveis. Em mil facetas diferentes vemos a realidade do pecado e do poder de Satanás. O “abominável da desolação” tem seu estandarte erguido entre nós. Constatamos que é verdade que “ainda não vemos todas as coisas submissas a Jesus Cristo”.

Todavia, se agora vemos, pela fé, Jesus assentado no trono, aguardando que todos “os seus inimigos sejam postos como estrado de seus pés” (Hb 1.13; 10.13), com os nossos olhos veremos, na consumação de todas as coisas, quando “o Filho do Homem vir nas nuvens, com grande poder e glória”, o governo real e soberano de Jesus Cristo inaugurando o novo éon de justiça e paz. No ínterim no qual vivemos, entre a primeira vinda de Jesus e o seu retorno em poder e glória, cumpre-nos colocarmos sinais do Reino de Deus e lutarmos pelos seus valores.

Concluindo, com a Igreja de todos os tempos oramos: “Maranata! Vem, Senhor Jesus!” (Ap 22.20).

REFERÊNCIAS

ACNUR - A Agência da ONU para Refugiados. Disponível em <https://nacoesunidas.org/acnur-numero-de-pessoas-deslocadas-chega-a-685-milhoes-em-2017>. Acesso em 208.02.2019.

ALMEIDA, Revista e Atualizada. **Bíblia Português.** Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil. Ed. Eletrônica, Bíblia Online 3.0, Módulo Básico Expandido.

ALVES, Castro. **Navio Negroiro**. Canto VI. Disponível em <http://www.culturabrasil.pro.br/navionegroiro.htm>. Acesso em 14.11.2009

BARCLAY, William. **Matthäus evangelium 2**. Wuppertal: Aussat, 1956. 352 p.

BROWN, Raymond Edward. **A comunidade do discípulo amado**. São Paulo: Paulinas, 1983. 216 p.

CALVANI, Carlos. **O sermão escatológico de Jesus**. 1997. Disponível em <http://padreleandrocampos.blogspot.com/2009/07/o-sermao-escatologico-de-jesus-serie.html>. Acesso em 3.9.2009

GELDENHUYS, Norval. Commentary on the Gospel of Luke (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1951), 538-39. *apud* DeMAR, Gari. **Esta geração ou esta raça?**. Disponível em http://www.monergismo.com/textos/preterismo/geracao-raca_DeMar.pdf. Acesso em 08.02.2019.

GENEBRA, Bíblia de Estudo. **Bíblia Português**. Cambuci: Cultura Cristã, 1999.

DeMAR, Gary. **Esta geração ou esta raça?**. Disponível em http://www.monergismo.com/textos/preterismo/geracao-raca_DeMar.pdf. Acesso em 08.02.2019.

GNILKA, Joachin. **El evangelio segundo San Marcos: Mc 8,27-16,20**. Vol. II. Salamanca,: Sigueme, 1986. 428 p.

HENDRIKSEN, William. **Matthew**. Grand Rapids, Michigan: Baker Academic, 2007a.

_____. **Mark**. Grand Rapids, Michigan: Baker Academic, 2007b.

JEREMIAS, Joachim. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 1977. 155 p.

JERUSALÉM, A Bíblia de. **Bíblia Português**. São Paulo: Paulinas, 2002.

LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2003. 901 p.

MATEOS, J.; CAMACHO F. **Marcos: texto e comentário**. São Paulo: Paulus, 1998.

MYERS, Ched. **O Evangelho de São Marcos**. São Paulo: Paulinas, 1992. 570 p.

ORSO, Alceu Luiz. **Agenda bíblica 2009**. São Paulo: Ave Maria, 2009.

92

PIKAZA, Xabier. **Pan, casa palavra: La iglesia em Marcos**. Salamanca: Sígueme, 1998. 446 p.

POHL, Adolf. **O evangelho de Marcos**. Curitiba: Esperança, 1998.

RAMIREZ, Dagoberto. In RIBLA. **Apocalíptica. Esperança dos pobres**. Vozes, Sinodal. 1990.

SINÓTICO, O problema. Disponível em <http://www.acmachado.net/hpbib/Sinotic.html>. Acesso em 08.02.2019

TRADUÇÃO ECUMÊNICA. **Bíblia Português**. São Paulo: Loyola, 1994.